

A ESCRITA INSÓLITA DA CEARENSE EMÍLIA FREITAS: REVISANDO O CÂNONE DA LITERATURA FANTÁSTICA NO BRASIL

Ana Cristina Caminha Viana Lopesⁱ

Resumo

Os estudos da literatura fantástica, ou ainda, da literatura do insólito têm crescido sobremaneira nas últimas décadas, tendo por alvo desde obras escritas no final do séc. XVIII até a produção hodierna. Entretanto, algumas obras terminam por ficar à margem dessa apreciação não pelo seu valor artístico, mas por critérios preconceituosos tais como: raça, sexo, classe social ou mesmo localização geográfica do autor (regiões consideradas culturalmente “menos prestigiadas”). Tal é o caso do romance *A Rainha do Ignoto* publicado em 1899, pela escritora cearense Emília Freitas. Obra durante muitos anos esquecida e marginalizada, esse livro afigura-se-nos, na verdade, como uma das produções pioneiras, em meio às letras nacionais, da literatura relativa ao sobrenatural. Nesse trabalho intentamos, primeiramente, tecer algumas considerações sobre a questão do cânone literário, destacando em especial os critérios comuns à seleção canônica. Em seguida, tencionamos abordar sucintamente os sinuosos conceitos da literatura fantástica e vertentes contíguas, como o maravilhoso, tendo como referencial teórico – entre outros – os estudos de Tzvetan Todorov, Felipe Furtado, Selma Calasans Rodrigues e David Roas. Por fim, objetivamos realizar um mergulho no insólito romance de Freitas, embora breve, suficiente para apreciarmos a presença dos traços fantásticos na obra e, de forma simultânea, destacarmos a relevância e singularidade do texto da autora cearense, revisando assim a questão do cânone literário.

Palavras-chave: Emília Freitas, Insólito, Fantástico, Literatura Cearense.

L'ÉCRITURE UNSOLITE DE EMÍLIA FREITAS: EN RÉVISANT LE CANON DE LA LITTÉRATURE FANTASTIQUE AU BRESIL

Résumé

Les études de la littérature fantastique, voire même de la littérature de l'insolite, ont énormément progressé au cours des dernières décennies, visant des œuvres écrites à la fin du XVIIIe siècle à la production actuelle. Cependant, certaines œuvres finissent par être exclues de cette appréciation, non par leur valeur artistique, mais par des critères tels que: la race, le sexe, la classe sociale ou même la situation géographique de l'auteur (des régions considérées culturellement "moins réputées"). C'est le cas du roman *A Rainha do Ignoto*, publié en 1899, par la écrivain issu du Ceará Emília Freitas. Roman oublié et marginalisé pendant de nombreuses années, ce livre semble en fait être l'une des productions pionnières parmi les lettres nationales de la littérature surnaturelle. Dans ce travail, nous essayons d'abord de faire quelques considérations sur la question du canon littéraire, en soulignant en particulier les critères communs à la sélection canonique. Nous allons ensuite montrer brièvement les concepts sinueux de littérature fantastique et les aspects liés, tels que le merveilleux, ayant comme référence théorique - parmi d'autres - les études de Tzvetan Todorov, Felipe Furtado, Selma Calasans Rodrigues et David Roas. Enfin, nous visons à effectuer une plongée dans le roman insolite de Freitas, bien que rapide, suffisamment pour apprécier la présence des caractéristiques fantastiques dans l'œuvre et, à la fois, mettre en évidence la valeur et le caractère unique du texte de l'auteur du Ceará, en révisant ainsi la question du canon littéraire.

Mots-clés: Emília Freitas, Insolite, Fantastique, Littérature du Ceará.

ⁱ UFC, Mestra em Literatura Brasileira. E-mail: anacaminha@ufc.br

1 – Introdução

Levando-se em conta algumas das questões colocadas na chamada do nosso Simpósio Temático sobre Literatura Cearense, principalmente “Quem são os lembrados e os esquecidos das letras do Ceará?”, escolhemos como objeto de estudo de nossa comunicação o romance *A Rainha do Ignoto*, publicado em 1899, pela escritora cearense Emília Freitas. A título de organização, nosso trabalho encontra-se esquematizado em três momentos: primeiramente, tencionamos tocar em algumas questões relativas ao cânone literário; em seguida, tecer algumas considerações acerca da literatura fantástica, ou em sentido mais amplo, da literatura do insólito – modalidade literária com a qual o texto de Emília Freitas está relacionado; por fim, iremos apresentar e comentar o romance *A Rainha do Ignoto*. Não objetivamos aqui, porém, encerrar conclusões, nossa intenção nesse encontro, é expor um pouco dessa obra que permaneceu por muito tempo praticamente desconhecida.

2 – A questão do cânone

A questão do cânone literário, como se sabe, trata-se de um assunto sempre em discussão, já bastante estudado, porém nunca encerrado no meio da crítica literária. Não é por acaso que os dois autores, dos textos sobre cânone que selecionamos, enfatizam a impossibilidade de conclusões definitivas acerca desse tema, embora ambos façam colocações bastante pertinentes. Os textos em pauta são “A questão do cânone”, da professora da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Zahidé Lupinacci Muzart (1995), e “Para que serve o cânone literário: aspectos e confrontos do discurso teórico contemporâneo”, do estudioso José Sérgio Custódio (2010) da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Em “Para que serve o cânone literário” tem-se uma série de questionamentos acerca da literatura, da crítica e do cânone; sem a pretensão de obter respostas decisivas, o pesquisador problematiza de forma consistente as abordagens já existentes a respeito dessas questões. Porém, dentre suas considerações, destacamos aqui o debate contemporâneo sobre a validade do cânone entendido como conjunto de obras literárias consideradas de alto valor estético. Segundo Custódio, existe um confronto entre duas posições de estudiosos:

(...) o grupo dos que contestam a validade do discurso canônico, vendo-o como encarnação do poder e, desse modo, responsável pela imposição de uma dada cultura como superior a outras formas culturais; defendendo uma reelaboração/revisão do cânone literário, tendo em vista o discurso das minorias, isto é, das vozes excluídas do modelo hegemônico. Por outro lado, existe um grupo, talvez não tão numeroso, mas certamente de igual calibre, que pensa a manutenção do cânone literário como patrimônio cultural da humanidade que, através de sua excelência estética, representaria universalmente o ápice do espírito humano, sendo, por isso mesmo, digno

de ser lido e relido por infindáveis gerações de leitores, que o teriam como um roteiro didático/pedagógico através do cipoal de signos da Literatura. (CUSTÓDIO, 2010, p. 04)

Ambos os posicionamentos acima relacionam-se sobretudo aos fatores considerados relevantes na escolha das obras que vão para o cânone. Mas quais seriam estes fatores? Na verdade, existem muitos aspectos a considerar. Entre eles, podemos elencar: a **obra em si**, o tema, a linguagem, sua recepção. Que elementos da obra tocam o público leitor? Por que o livro mexe com o leitor? Essa obra aborda questões próprias do ser humano, independente da época? Outro elemento concerne ao **estilo de época**, quando a obra é escrita conforme o período literário em vigor, quando está “atrasada”, quando antecipa traços de um estilo vindouro, quando simplesmente não se encaixa... São questões que interferem na seleção canônica, ainda que possam ser revistas. Há ainda motivos ligados ao próprio **autor**, o meio/classe social a qual pertence. O autor já possui certo prestígio social ou é desconhecido? No tocante ao século XIX, elementos como cor e gênero do escritor também serão cruciais na escolha das obras. Observemos finalmente nessa triagem canônica, o coeficiente do **local de publicação**. Na apreciação de uma obra, fazia muita diferença (e ainda faz), a cidade de publicação da obra. Seria em um centro de prestígio cultural, como Rio de Janeiro? Ou uma região periférica? Ceará, por exemplo.

Notamos, portanto, na seleção do cânone, a presença de fatores intrínsecos e de muitos fatores extrínsecos à obra literária. Destarte, retomando o debate do estudioso Custódio, diferentemente do grupo que defende a permanência do cânone, para o grupo que deseja revisar esta seleção, os fatores externos à obra estariam sendo equivocadamente mais decisivos.

O texto da professora Zahidé Lupinacci Muzart apresenta uma abordagem mais próxima daqueles que consideram necessária uma revisão no cânone. A pesquisadora trabalha a questão dos excluídos do cânone, tendo como recorte principal a exclusão feminina no século XIX. Sobre a produção literária das mulheres neste período, a estudiosa afirma que pouquíssimas obras de autoria feminina eram publicadas e praticamente não havia valorização dessas obras. Nos jornais da época, por exemplo, existia uma sessão específica destinada à escrita feminina chamada "Obras de Senhoras". Por que essa seção específica?... Observando os livros de História da Literatura Brasileira, podemos constatar que poucas são *as escritoras* mencionadas e são sempre as mesmas, como assevera a professora em dado momento: “O porquê da canonização é complexo e ligado a muitos fatores, inclusive um que, eu chamaria de mesmice, o da facilidade: perseguir o estudo das mesmas autoras já consagradas, já canonizadas. Não se arriscar por mares nunca dantes navegados...” (MUZART, 1995, p. 86).

Para Zahidé Muzart, não se trata de excluir do cânone autores já – merecidamente -

consagrados, a questão seria incluir outras obras, autores/autoras, os quais não foram selecionados por motivos extrínsecos à qualidade das obras. Entretanto, após várias considerações elucidativas, a professora pondera que atualmente já há um resgate efetivo de autorias esquecidas, inclusive femininas.

3 – O insólito e a literatura fantástica

A cearense Emília Freitas é uma dessas autoras que ficaram no obscurecimento por vários anos, mas que vem sendo resgatada – contando, aliás, já com certo número de trabalhos críticos sobre sua produção escrita. Sua principal obra *A Rainha do Ignoto* está imbricada à literatura fantástica, gênero cujo cânone, por sua vez, encontra-se em construção principalmente aqui no Brasil. E sobre esta matiz literária, teceremos agora algumas observações.

A literatura fantástica tornou-se objeto de estudos críticos na Europa desde a primeira metade do século XIX. No Brasil, foi apenas na segunda metade do século XX que os estudos literários direcionaram-se para a ficção fantástica. Entre os muitos estudiosos do assunto estão: Tzvetan Todorov (1992), Felipe Furtado (1980), Selma Calasans Rodrigues (1988), David Roas (2014), Rosemary Jackson (1986), Jacques Le Goff (1990), Flávio Garcia (2007), Howard Phillips Lovecraft (2008) e Irène Bessière (2012).

De modo essencial, a literatura fantástica é marcada pela presença do sobrenatural, ou conforme terminologia adotada por Felipe Furtado pelo surgimento do “fenômeno meta-empírico”, isto é, um fenômeno que “(...) está para além do que é verificável ou cognoscível a partir da experiência” (FURTADO, 1980, p. 20). O trabalho com este elemento sobrenatural será responsável por situar a narrativa no fantástico ou nos gêneros que lhe são vizinhos, de acordo com Todorov (1992): o estranho e o maravilhoso. Sendo assim, no caso do **estranho**, verificamos a ocorrência de acontecimentos incríveis, extraordinários, inquietantes que extrapolam o comum, entretanto, todos esses eventos são explicáveis pelas leis da razão (aqui o sobrenatural é apenas aparente). No **maravilhoso**, os fenômenos meta-empíricos estão presentes na narrativa de forma inquestionável: animais falam, a magia existe, assim como seres míticos, tudo é possível. Ressaltemos que esses elementos sobrenaturais não causam nenhuma reação de estranhamento nos personagens, nem no leitor implícito, pois na narrativa maravilhosa há a criação de outra realidade. O **fantástico** é marcado pela inquietação, pela ambiguidade dado que, neste tipo de narrativa, a irrupção do fenômeno meta-empírico acontece em meio a nossa realidade. No fantástico, portanto, personagens e leitor deparam-se com eventos insólitos inexplicáveis.

Alguns estudiosos, como Selma C. Rodrigues (1988), apresentam uma diferenciação terminológica entre um fantástico *stricto sensu* e um fantástico *lato sensu*. O primeiro

corresponderia ao conceito, por exemplo, de fantástico puro formulado por Todorov e acima já colocado, cuja existência reside na ambiguidade dos fenômenos ligados ao sobrenatural. Já o fantástico *lato sensu*, estaria relacionado a todas as narrativas que abordam a fenomenologia meta-empírica, independente da permanência ou não da ambiguidade dos eventos. De acordo com outros pesquisadores, como o estudioso Flávio Garcia (2007), a terminologia “literatura do insólito” seria mais adequada para este sentido mais amplo de narrativas que exploram o sobrenatural, ou ainda, o *insólito*. Estariam então compreendidos pois na literatura do insólito, gêneros ou subgêneros, tais como: o maravilhoso, o gótico, o fantástico, o estranho, o maravilhoso cristão, o realismo maravilhoso, a fantasia e a ficção científica.

Em sua *Introdução à literatura fantástica* (1992), Todorov aponta a existência de subgêneros transitivos entre o estranho, o fantástico e o maravilhoso, são eles: o “fantástico-estranho” e o “fantástico-maravilhoso”. Esclarece o pesquisador búlgaro que no fantástico-estranho: “Os acontecimentos que com o passar do relato parecem sobrenaturais, recebem, finalmente, uma explicação racional. O caráter insólito desses acontecimentos é o que permitiu que durante comprido tempo o personagem e o leitor acreditassem na intervenção do sobrenatural.” (TODOROV, 1992, p. 25). Quanto ao chamado fantástico-maravilhoso, Todorov afirma ser o caso dos “(...) relatos que se apresentam como fantásticos e que terminam com a aceitação do sobrenatural.” (TODOROV, 1992, p. 29). Ambos os subgêneros contêm, assim, traços do fantástico; porém, diferem do fantástico puro (*stricto sensu*) uma vez que a ambiguidade dos eventos insólitos é dissolvida.

Embora não exista unanimidade na escolha das características que se configurariam como típicas da narrativa fantástica, predominam, no meio crítico, alguns traços consensuais, entre os quais podemos elencar: a presença do sobrenatural, do “espaço híbrido”, do discurso racional e a questão da ambiguidade. Conforme já comentado, o surgimento do fenômeno meta-empírico é fundamental para que uma narrativa seja considerada fantástica. Vale ressaltar: a ocorrência do evento insólito não pode ser apenas fortuita, circunstancial, devendo figurar como elemento móvel no plano da ação narrativa.

Na ficção fantástica, o espaço conserva importância crucial. Segundo Todorov (1992), Felipe Furtado (1980) e David Roas (2014), o fenômeno sobrenatural deve emergir no contexto da realidade tal como a sociedade de forma geral a compreende. No instante, porém, em que se dá o fenômeno insólito, o espaço da narrativa já não é mais o mesmo, sendo temporariamente alterado. Consoante elucida Felipe Furtado, verifica-se na narrativa fantástica, um “espaço híbrido”, composto por elementos *realistas*, na maior parte do tempo, e por elementos *alucinantes*, nos átomos de lance do fantástico.

Também o discurso racional deve estar presente no relato fantástico justamente para servir de contraponto ao sobrenatural. O efeito próprio do fantástico de vacilação, incerteza e inquietação resulta dessa oscilação entre a percepção do fenômeno meta-empírico e a tentativa (*insuficiente, porém*) de racionalização do mesmo. Destarte, o discurso racional manifesta-se na ficção fantástica geralmente através de um personagem cético, pelo menos a priori. Frequentemente, esse personagem (tal qual representante da ciência) detém certa auréola de respeito e confiabilidade e com ele, em geral, identifica-se o leitor.

A questão da ambiguidade está diretamente relacionada ao cerne do fantástico e provém precisamente dos traços acima colocados: a manifestação do insólito em nossa realidade, as diferentes interpretações relativas aos fenômenos aparentemente sobrenaturais, o esforço baldado de racionalizar o impossível. Se, contudo, a presença da ambiguidade na narrativa fantástica é questão congruente entre os pesquisadores; a permanência da mesma até o fim do relato constitui ponto polêmico entre os especialistas. E aqui, envereda-se pelas contendas terminológicas de fantástico *stricto* e *lato sensu*, nas quais não tencionamos nos aprofundar neste trabalho.

4 – O insólito em *A Rainha do Ignoto* de Emília Freitas

Direcionemos nosso olhar doravante para a literatura cearense, em especial para a escritora Emília Freitas, nascida em 11.01.1855 no município de Aracati. Em 1869, com a morte do pai, Freitas passa a residir em Fortaleza, onde continua seus estudos e depois cursa a Escola Normal. A partir de 1873 inicia sua produção escrita em diferentes jornais e no ano de 1883 faz parte da fundação da Sociedade das Cearenses Libertadoras. Em 1892, muda-se para Manaus com o irmão, trabalhando como professora no Instituto Benjamin Constant. A escritora volta para o Ceará em 1900 com o marido, o jornalista Arthunio Vieira. Em 18.08.1908, Emília Freitas falece em Manaus. Sua produção literária encerra as seguintes obras: um livro de poemas **Canções do lar**, de 1891, os romances **O Renegado**, de 1892, e **A Rainha do Ignoto**, de 1899, e a peça de teatro **Nossa Senhora da Penha**, de 1901.

Sua principal obra, *A Rainha do Ignoto*, obteve três edições: a primeira em 1899 pela Typographia Universal de Fortaleza; a segunda, anos mais tarde em 1980 pela Imprensa Oficial do Ceará, graças ao trabalho de resgate de autores esquecidos feito pelo Prof. Otacílio Colares da Universidade Federal do Ceará e a terceira, finalmente, em 2003 pela Editora Mulheres – EDUNISC, tendo como responsáveis as professoras Constância Lima Duarte e Zahidé Lupinacci Muzart.

A Rainha do Ignoto constitui uma narrativa inaudita e intrigante. A história principia-se no antigo distrito de Aracati, denominado “Passagem das Pedras”, em período anterior à abolição.

Neste vilarejo, surge um advogado da cidade grande, o Dr. Edmundo, o qual fica conhecendo uma lenda local sobre uma moça encantada chamada “Funesta”. A princípio, o acadêmico debocha do menino que lhe conta a historieta, quando o próprio cético vê a dama formosa e misteriosa, com mais duas criaturas horripilantes, sulcando o rio Jaguaribe em singela embarcação. A partir daí, Edmundo busca descobrir e compreender o que vira. Durante parte do romance, enquanto o jovem incrédulo – porém curioso e deslumbrado – realizava suas investigações, desenrola-se toda uma história ambientada em Passagem das Pedras, aqui outros personagens são apresentados e o ambiente regional com suas festas e costumes é muito bem caracterizado. De forma paulatina, os fenômenos insólitos e inexplicáveis eclodem no relato. Após conhecer Probo, personagem relacionado à Funesta, que na verdade é a Rainha do Ignoto, Dr. Edmundo logra apreender, em parte, o enigma acerca da Fada do Arerê (outra das várias alcunhas dadas à Rainha). Desse momento em diante, o Reino do Ignoto é descortinado ao advogado que, embuçado, consegue adentrar na “Ilha do Nevoeiro”, local oculto por brumas através do poder hipnótico da Rainha e sua sociedade ignota de mulheres, suas paladinas. Nesse ponto da narrativa, Edmundo passa de protagonista para personagem observador, funcionando como testemunha ao leitor, e assiste, maravilhado, os feitos prodigiosos dessas “amazonas” que, por meio de magnetismo, hipnotismo, mediunidade, inteligência e esperteza, intervêm na vida de muitas pessoas desvalidas. Destarte, até o desfecho do romance, são relatados diversos incidentes inseridos na diegese principal.

Romance de autoria feminina, publicado em região periférica (Fortaleza), detendo estilo divergente do realismo – com elementos do romantismo - e temática inusitada, *A Rainha do Ignoto* não obteve boa recepção, muito menos apreciação crítica. Sua obra ficou esquecida por tempo demasiado. No ano de 1953, o romance recebe críticas severas do estudioso Abelardo Montenegro que o julga como um “dramalhão sem veracidade” (Apud DUARTE, 2003, p. 17). Entretanto, conforme comentado anteriormente, anos mais tarde, o livro de Emília Freitas alcança mais duas edições e começa a ser descoberto por pesquisadores. Dentre os trabalhos que se ocupam de *A Rainha do Ignoto*, já constam: uma tese de doutorado (estudo biográfico), seis dissertações de mestrado e, aproximadamente, sete artigos. Sendo abordados em tais estudos temas referentes à literatura feminina, elementos trágicos, a questão da utopia, estudos comparativos com outras obras e a aproximação da obra de Freitas com a literatura fantástica.

Essa aproximação, de forma alguma consensual, revela certa divergência na análise da narrativa quanto à vertente do fantástico ou do insólito que lhe seria mais compatível; questão sobre a qual, aliás, pretendemos nos debruçar em trabalho posterior. No presente, porém, gostaríamos de destacar brevemente as características do insólito que permeiam a obra de Freitas. Já mencionados no item anterior, os traços próprios da literatura do insólito e que se manifestam no romance em

apreço são: a presença do espaço híbrido, do fenômeno meta-empírico, do discurso racional e da ambiguidade na narrativa.

Em *A Rainha do Ignoto*, o espaço híbrido é marcado pela existência de componentes realistas e alucinantes, como podemos observar nos respectivos trechos ilustrativos a seguir:

Nos lugares pequenos, nas aldeias, as novidades são poucas ou antes nenhuma, quando passa ali um viajante, se traz a sobrecasaca abotoada, só faltam desatacá-la para ver se o colete tem botões! Se ele traz consigo mulher, irmã ou filha, a primeira coisa que notam é se ela usa brincos, se os não usa, serve isto de assunto para uma semana de conversação na vizinhança. (FREITAS, 2003, p. 51)

A casa era rústica, bastante espaçosa; mas muito baixa; tinha um alpendre na frente onde se viam alguns bancos de madeira altos e estritos, muito pouco cômodos para servir de assento. (FREITAS, 2003, p. 144)

Acima, identificamos bem a representação do mundo empírico, detalhes referentes à realidade das pequenas cidades. Abaixo, os componentes alucinantes adentram a narrativa através de um vocabulário próprio que incluem sintagmas tais como: “solidão completa”, “silêncio profundo”, “espectros cismadores”, “trevas”, “ar pesado e úmido”, “medo”. Cria-se toda uma atmosfera sobremodo diversa dos componentes realistas.

A solidão era completa, o silêncio era profundo! Nem o vento movia os ramos das árvores. Elas se levantavam do meio da sombra projetada pela copa, como espectros cismadores. (FREITAS, 2003, p. 34)

Caminhava nas trevas sem saber para onde ia. O ar pesado e úmido da gruta açoitava-lhe o rosto, passando em assóvio por baixo da máscara. Sentia o esvoaçar das asas dos morcegos passando-lhe rente pelos cabelos, que se eriçavam de medo! (FREITAS, 2003, p. 178)

O sobrenatural trespassa o romance do início ao fim, inicialmente de forma mais esporádica, depois de maneira mais intensa. Dentre os diversos eventos insólitos, estão, por exemplo, o surgimento inesperado (mas conveniente) de um pombo trazendo uma grinalda para a jovem Virgília por ocasião de sua morte, além de fenômenos relacionados ao magnetismo e ao hipnotismo, conforme podemos notar nas seguintes passagens:

Carlotinha estava na sala mortuária, lamentando com D. Sofia não poderem completar a mortalha de Virgínia, por falta de um véu e uma grinalda. Mal acabavam de falar quando entrou pela janela aberta, e pousou ao pé da morta um pombo tão grande que assustou às duas senhoras. (...)

Não vê o que ele traz no bico?

Vejo uma grinalda de flores de laranjeira (...) (FREITAS, 2003, p. 112)

(...)

- E o que há?

- Um navio francês que vai passando, a guarda-vigia veio avisar-me (...) diz não ter muita confiança na Ciência... contra os franceses, que se impõem às outras nações por sua força magnética. E eu vou afirmar-lhe que eles hão de ver a Ilha do Nevoeiro da mesma forma que os outros habitantes deste planeta. (FREITAS, 2003, p. 211)

- (...) devo te aparecer tal qual sou e não transfigurada, como faço com outras paladinas. E vós vos transfigurais?
 Sim, porque isto não é máscara, eu nunca me mascarei.
 Como, senhora? Nunca se mascarou? E que é isso?
 É uma maneira de aparecer às paladinas, aos estranhos apareço no meu estado natural ou na figura que exigem as circunstâncias. (FREITAS, 2003, p. 341)

Típico da literatura fantástica, o discurso racional está presente em *A Rainha do Ignoto*, principalmente por meio do personagem do Dr. Edmundo, advogado respeitado, o qual não se deixa levar facilmente pelas credices populares. Mesmo quando se encontra frente ao fenômeno insólito, sua atitude não foge ao padrão do cético. Edmundo busca, portanto, racionalizar o que vê diante de si:

O Dr. Edmundo ficou pensativo. Muitas vezes tinha zombado da credulidade do povo, e não podia tomar a sério aquelas histórias incoerentes; mas, procurava o fio da realidade perdido naquele labirinto de ideias extravagantes e fantásticas. (FREITAS, 2003, p.33)

O orangotango é um mono sem cauda, disse Edmundo consigo; mas o que foi aquilo que vi rastejando à borda do bote para a água do rio? Provavelmente alguma corda atirada ao acaso; estou certo que o medo... ou a prevenção faz ver o que não existe.” (FREITAS, 2003, p.47)

Verificamos, finalmente, na narrativa de Emília Freitas, a instalação da ambiguidade uma vez que os fenômenos meta-empíricos emergem no mundo empírico e não são, a princípio, explicados. Assim, durante parte do romance, o leitor depara-se com episódios insólitos e, tal como Edmundo, questiona o que se passa. Percebemos essa vacilação, por exemplo, no excerto abaixo:

O apitar da máquina, o rodar do trem nos trilhos subterrâneos era medonho e cavo, aquelas mulheres fantásticas, tudo avultava no espírito do pobre moço, vítima de sua curiosidade. Ele já não sabia se estava acordado; julgava-se em um pesadelo.” (FREITAS, 2003, p. 179)

No decorrer do relato, verifica-se a inclinação da narrativa para o maravilhoso, sobretudo, devido ao uso hiperbólico do hipnotismo. Esta aceitação do sobrenatural termina por dirimir a ambiguidade no romance. Todavia, o mistério que envolve o passado da Rainha do Ignoto permanece, nem mesmo suas seguidoras conheciam de fato aquela mulher extraordinária, conforme podemos constatar no fragmento seguinte:

Mas nenhuma das Paladinas do Nevoeiro pronunciou o verdadeiro nome da Rainha do Ignoto; elas só conheciam os benefícios que com ela haviam praticado. A história de sua vida era semelhante às hipóteses feitas sobre os habitantes de outro planeta. O que se disse dela foram meras conjecturas fundadas em observações longínquas, em falsas aparências. (FREITAS, 2003, p. 411-412).

5 – Considerações Finais

Há muito mais a se falar sobre o livro esquecido, porém já resgatado, de Emília Freitas. O romance *A Rainha do Ignoto* constitui justamente um exemplo de obra obscurecida por fatores externos à mesma. Entretanto, de acordo com as observações tecidas neste breve trabalho, estudiosos da literatura cearense e nacional já estão ampliando o leque de estudos e contemplando também, desta forma, obras excluídas do cânone literário.

Imbricada à literatura fantástica, a obra de Emília Freitas, apresenta características relacionadas ao evento sobrenatural, o que a faz resvalar por algumas vertentes da literatura do insólito como o gótico, o maravilhoso e o próprio fantástico. Nas palavras da estudiosa Constância Lima Duarte, “(...) o clima fantástico é instaurado com naturalidade no enredo e assume o predomínio da atmosfera, ora com ingredientes de um fantástico medieval, ora lembrando narrativas inglesas de terror (...)” (DUARTE, 2003, p.17). Independente da melhor aproximação terminológica da narrativa de Freitas no tangente ao insólito, trata-se de um romance inusitado e propício ao estudo, detendo indubitável valor historiográfico não apenas à literatura cearense, como à literatura nacional.

Referências Bibliográficas

- BESSIÈRE, Irène. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. **FronteiraZ**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, São Paulo, n. 9, p. 305-319, dez. 2012.
- CUSTÓDIO, José Sérgio. Para que serve o cânone literário: aspectos e confrontos do discurso teórico contemporâneo. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS, 10., 2010, Assis. **Anais...** Assis: UNESP, 2010. p. 1-12. Disponível em: <http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais_2010/josesergio.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2019.
- DUARTE, Constância Lima. *A Rainha do Ignoto* ou a impossibilidade da utopia. *In*: FREITAS, Emília. **A rainha do ignoto**: romance psicológico. 3. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 11-21.
- FREITAS, Emília. **A rainha do ignoto**: romance psicológico. 3. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- GARCIA, Flávio. O “insólito” na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. *In*: _____. **A banalização do insólito**: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007, p. 10-22.
- JACKSON, Rosemary. El modo fantastico. *In*: _____. **Fantasy**: literatura y subversión. Buenos Aires: Catálogos Editora, 1986. p. 11-59.
- LE GOFF, Jacques. O maravilhoso no Ocidente medieval. *In*: _____. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval**. Tradução de Antônio José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1990. p. 17-35.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural em Literatura**. Tradução de Celso M. Parcionik. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, p. 85-93, jan. 1995. ISSN 2175-7917. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>>. Acesso em: 02 jan. 2019.
doi:<https://doi.org/10.5007/0x>.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**. Aproximações teóricas. Tradução de Julián Fuks. São Paulo: Unesp, 2014.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. Tradução Maria Clara Correa Castello. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.